

POR ONDE ANDAM OS JOVENS? UMA REFLEXÃO SOBRE JOVENS E CIDADE

Clarice Cassab
Professora substituta da UFJF

Introdução

O desafio desse trabalho é o de pensar em que medida a cidade pode ser elemento a mais na construção de novas práticas sociais desses sujeitos, buscando recupera o uso como modo de apropriação do espaço e de uma prática sócio-espacial que guarda uma dimensão prático-sensível da vida na cidade e que possibilita o sentido da ação.

Para desenvolver esse artigo optou-se por trabalhar com jovens que estão (ou estiveram) inseridos em alguma ação destinada a esse segmento etário. Sendo assim, optou-se por dois programas oferecidos na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. o UFJF: Território de Oportunidades e o Juiz de Fora nos Trilhos da Paz.

O primeiro, realizado pelo Pólo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, Infância e Juventude, da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, é um programa vinculado à política de extensão daquela universidade e surgiu em 2004. Sua origem está associada a um evento ocorrido no campus da Universidade em que dois grupos de jovens de bairros vizinhos, porém rivais, se confrontaram. Foi a partir desse evento que professoras da Faculdade de Serviço Social tiveram a idéia de desenvolver um programa de extensão que atendesse os jovens da cidade.

O segundo, desenvolvido pela prefeitura municipal de Juiz de Fora tem sua origem vinculada à percepção, por parte da Diretoria de Política Social, de que se estava ampliando o número de casos de violência envolvendo jovens na cidade – seja como vítimas ou agressores. Em 2000, foi proposta a realização de um diagnóstico desses casos e um estudo de ações para seu enfrentamento e prevenção.

Três anos após o diagnóstico, foi elaborada uma proposta de trabalho, em convênio com a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, que deu origem ao JF na Paz, articulando um conjunto de ações direcionadas ao desenvolvimento da “cultura da paz” nos bairros periféricos da cidade.

Intenta-se, a partir desse estudo comparativo, inferir de que maneira a cidade configura-se como elemento de sociabilidade, espaço e objeto de luta desses jovens; em que sentido os jovens podem ter na cidade um aspecto a mais na elaboração e condução de uma prática política em direção a uma plena cidadania.

Por onde andam os jovens?

Questionários aplicados junto aos jovens associados com entrevistas semi-estruturadas permitiram traçar um mapa do uso da cidade por parte dos jovens entrevistados. A intenção era identificar por onde circulam esses jovens, quais os bairros para onde mais deslocam, quais os principais motivos desse deslocamento e com quem costumam sair. Esses foram alguns dos resultados:

Quanto ao uso da cidade e de seus equipamentos, indagados se sempre moraram em seus bairros, 69% dos jovens do Território de Oportunidades e 45% do JF na Paz responderam que sim. Dos jovens do Território de Oportunidades que já moraram em outros bairros, a maioria reside atualmente no bairro de Granjas Bethânia. Já entre os jovens do JF na Paz, a maioria mora hoje em São Pedro. Em todas as situações esses jovens viveram anteriormente em bairros periféricos e afastados. A experiência de terem morado em outros bairros antes de irem para Granjas Bethânia também ajuda a explicar a clareza que eles têm da diferença de seu bairro, quando comparado a outros, no que toca a carência de equipamentos, bens e serviços urbanos.

Quando perguntados se ficavam muito tempo em casa, 50% dos jovens do bairro Granjas Bethânia e 14% do São Pedro – ambos do Território de Oportunidades – responderam que sim. No JF na Paz, o percentual de jovens que permaneciam muito tempo em casa era de 38% e 37% para São Pedro e Santa Cândida, respectivamente. O que talvez explique o fato de 50% dos jovens de Granjas Bethânia permanecerem muito tempo em casa seja, fundamentalmente, a distância desse bairro em relação ao centro e demais bairros da cidade – o que implica, inclusive, um significativo custo de transporte.

Já no caso de São Pedro, supõe-se que, dentre as razões que explicam essa diferença, esteja o fato de que os jovens atendidos pelo JF na Paz têm um perfil de renda

menor do que os do Território de Oportunidades, o que dificulta também sua mobilidade pela cidade.

É possível notar que, tanto os jovens do Território de Oportunidades quanto os do JF na Paz, se dirigem, na maior parte das vezes, para a região Centro da cidade. No entanto, esse percentual é maior entre os jovens do Território de Oportunidades no que se refere à região Centro e menor no que se refere ao bairro Centro.

Perguntados sobre quais as razões que levavam ao deslocamento para a região central e, especificamente, para o bairro do Centro, as respostas dos jovens do Território de Oportunidades associavam-se, fundamentalmente, a trabalho, estudo e compras. Fácil de compreender, na medida em que esse bairro concentra um maior número de comércio e serviços, bem como um grande número de escolas e cursos.

Centro e Santa Terezinha são os bairros de maior destino dos jovens do Território de Oportunidades e, em especial, dos jovens que residem em Granjas Bethânia. No primeiro caso, é o estudo o principal motivo de deslocamento para o bairro Centro. Santa Terezinha, por sua vez, embora, administrativamente, se localize na região central, é um bairro relativamente distante do centro da cidade, sendo, por outro lado, próximo do bairro de Granjas Bethânia, o que explica o significativo deslocamento de jovens de Granjas Bethânia para esse bairro, tendo como razão o estudo. Pode-se concluir, portanto, que o reduzido número de equipamentos sociais, e em especial de ensino, existentes no bairro, como visto anteriormente, obriga que os jovens se desloquem para bairros próximos ou mesmo para o centro¹.

No caso de deslocamento para São Pedro, os jovens moradores de Granjas Bethânia que participam do Território de Oportunidades identificaram as oficinas realizadas no campus da UFJF – situado em São Pedro – como o motivo para seu deslocamento. Ou seja, 12% dos jovens assinalaram São Pedro pelo motivo de estudo – as oficinas do programa.

Já para os jovens do JF na Paz, são as compras o principal motivo de deslocamento para o bairro Centro. Os jovens que têm o bairro do Borboleta – Zona Oeste da cidade – como destino, têm como motivo do deslocamento o lazer. Esses jovens residem no bairro de São Pedro, situado na mesma zona administrativa e

¹ No bairro, residem cerca de 4.000 pessoas e existe apenas uma escola – Escola Municipal União da Bethânia – construída pela mobilização dos moradores e inaugurada em 1984.

geograficamente próximo. Situação semelhante ocorre no que se refere ao bairro de Santos Dumont.

Sobre as principais razões de deslocamento pela cidade, 35% dos jovens do Território de Oportunidades circulam pela cidade para visitar familiares, seguido de 30%, em busca de lazer. No JF na Paz, esse percentual é de 42% e 37%, respectivamente. Interessante notar como são esses dois motivos os que movimentam os jovens em ambos os bairros.

A última observação feita em relação ao deslocamento dos jovens pela cidade é o relativo confinamento de sua circulação aos bairros próximos daquele de origem, quando os motivos são lazer e família. Assim, são os bairros de São Benedito, Vitorino Braga, Vila Alpina, Vila Ideal, Linhares e Santo Antônio aqueles para os quais se dirigem os jovens de Santa Cândida. Todos eles são geograficamente próximos e compõem a região Leste da cidade. Os jovens de São Pedro circulam principalmente em Santos Dumont, Borboleta, Marilândia e, em menor número, Dom Bosco. Todos geograficamente próximos de São Pedro.

Os jovens de Granjas Bethânia, além de se deslocarem para o Centro e Santa Terezinha, como visto, circulam nos bairros de Grama, Bairu e Bandeirantes. O primeiro é contíguo a Granjas Bethânia e os dois últimos, embora localizados na região central, são relativamente próximos de Granjas Bethânia. Por fim, os jovens de Dom Bosco, costumam freqüentar os bairros de Santa Cecília e Jardim Casablanca, além do Centro – também bairros próximos.

Quando perguntados sobre com quem costumavam sair, 37% e 41% dos jovens do Território de Oportunidades e do JF na Paz, respectivamente, afirmaram sair com amigos do próprio bairro. Além disso, 23% dos jovens do Território de Oportunidades saíam sozinhos e 36% dos do JF na Paz, com familiares. Foram significativamente baixos os percentuais de jovens que saíam com amigos de vários lugares. Esses dados parecem corroborar a pouca mobilidade desses jovens e um universo relativamente restrito de relações sociais do ponto de vista da distribuição na cidade. Esses jovens circulam, basicamente, com amigos do bairro – inclusive permanecendo nos seus bairros – e com familiares.

Perguntados sobre se utilizavam os espaços públicos e/ou culturais na cidade, 93% dos jovens do Território de Oportunidades e 79% do JF na Paz responderam que

sim. Indagados sobre quais seriam, os jovens do Território de Oportunidades responderam, em ordem decrescente: espaços de shows (24%), cinema (16%) e praças (18%), dentre outros. Os do JF na Paz: espaços de shows (23%), quadras de esporte (23%) e praças (14%).

O percentual de uso dos espaços públicos e culturais da cidade é bastante significativo. No entanto, quando se perguntou sobre quais as atividades que mais realizam em seu tempo livre, 21% dos jovens do JF na Paz responderam estudo, seguido por internet e esporte, com 17% cada um. Já os jovens do Território de Oportunidades, assistem à televisão, conversam com amigos e acessam a internet – cada uma das atividades com 15%.

Embora a grande maioria tenha declarado usar os espaços públicos e culturais da cidade, a maior parte das atividades desenvolvidas pelos jovens, em ambos os programas, são solitárias (estudo, televisão e internet). Especialmente interessante é o percentual significativo de jovens que acessam a internet em seu tempo livre, muitas vezes em *lan houses* dentro de seus próprios bairros. Além disso, em nenhum dos dois programas os jovens indicaram alguma atividade que pressupõe sair de seus bairros, como cinema, teatro, museus e outras.

A fim de retratar a condição desses sujeitos como jovens, foi-lhes perguntado se já se sentiram discriminados na escola, bairro, outros bairros, trabalho e programa, bem como se já haviam sofrido alguma violência policial. Dos jovens do Território de Oportunidades, 88, 77, 73 e 81% responderam que nunca tinham se sentido discriminados nem na escola, bairro, outros bairros e no Território de Oportunidades, respectivamente. Entre os do JF na Paz esses percentuais foram, respectivamente, de 68, 84, 74 e 90%.

Cabe, no entanto, apresentar os motivos pelos quais os demais se sentiram discriminados. Dentre os principais motivos estavam a idade, “o jeito de ser” (incluindo aí roupa e forma de falar) e o fato de ser morador de seu bairro. Dos jovens do JF na Paz também foram os principais motivos o “jeito de ser” e o local de residência. Esses motivos, portanto, poderiam ser englobados em duas categorias: o fato de serem jovens (expresso na idade e nos comportamentos juvenis) e a residência (morar em seus bairros faz com que sejam estigmatizados). Por fim, 16% dos jovens do JF na Paz e 19% dos do Território de Oportunidades afirmaram já terem vivido alguma violência policial. Foram os jovens de Santa Cândida e Dom Bosco os que relataram terem vivido essa

experiência. Dos quatro bairros tratados esses são os dois identificados como mais violentos pelo conjunto da cidade.

Caminhos possíveis: os jovens e a cidade

As entrevistas permitem identificar um significativo quadro de restrição sócio-espacial desses jovens à cidade e aos equipamentos urbanos. É pouca e restrita sua mobilidade pela cidade. Sua circulação é restringida às áreas próximas aos seus bairros. Quando saem, costumam sair com amigos do próprio bairro. Em seu tempo livre, dedicam-se a atividades individuais (internet, estudo etc.) que podem ser realizadas em seus bairros e mesmo em suas casas. Também é pouco, quantitativa e qualitativamente, o acesso e uso a equipamentos culturais e/ou espaços públicos. Dentre os jovens que já vivenciaram algum tipo de discriminação, o motivo foi o fato de serem jovens e moradores de seus bairros, comumente vistos de maneira negativa pelo restante da cidade.

Em grande medida ao jovem pobre está vetado não apenas o mercado de trabalho, os espaços de lazer e esporte mas, e talvez, principalmente, o direito de estarem, de circularem e de se apropriarem da cidade. É possível pensar a cidade como objeto de apropriações diferenciadas e é nesta lógica que se processa o afastamento daquele que não é desejável. A posição dos jovens pobres no tecido urbano reflete as relações sociais de tipo desigual, que resultam em diferentes capacidades de apropriação do espaço urbano. Essa representaria “a concentração dos diversos segmentos sociais em territórios bem definidos e a institucionalização da inferioridade, da desclassificação e da imobilidade das classes populares” (CARVALHO, 2004:10).

No processo de desigualdade espacial parece também estar em jogo a capacidade de apropriação do espaço urbano como sendo um espaço decisivo para a produção e reprodução da vida dos jovens. Por essa razão que a apropriação também é entendida como a possibilidade que se possui para se mover, possuir e agir. Apropriar-se remete a identificação com o espaço e, conseqüentemente, a possibilidade de sua transformação. Um espaço que não se faz parte ou não se identifica, não é apropriado e conseqüentemente transformado.

O que se verifica é que, em muitas situações, os jovens pobres possuem reduzida possibilidade de apropriação econômica não podendo, com isso, intervir de maneira

decisiva na estruturação do espaço urbano. Mas do que isso, suas possibilidades de apropriação sócio-cultural e psico-social também são limitadas.

É nesse sentido que ao se falar em desigualdade espacial também se está falando da não possibilidade de apropriação dos espaços e da não possibilidade desses jovens criarem e transformarem espaços.

O circular se configura como o ponto de partida para o conhecimento e ocupação da cidade. Através do “perambular” pelas ruas esses jovens podem tornar seu um espaço até então desconhecido. Em sua posição isolada sócio-territorialmente os jovens perdem a dimensão do circular livremente pelas ruas da cidade. Muitos permanecem circunscritos ao seu local de moradia. Quando se refere aos limites impostos à circulação desses jovens, em realidade faz-se referência à ausência de uma série de outras condições que atingem à grande parcela dos moradores das cidades. Jovens que só conhecem uma parte da cidade pois encontram-se imobilizados em seus bairros e entorno.

Indagado se os jovens pobres circulavam livremente pela cidade, W. respondeu que não, que “depende do lugar a que ele vai”. “Eu acho que o jovem vai aonde ele se sente bem; quem gosta de funk vai para o funk. Porém, eu já vi um amigo meu sendo expulso de um lugar porque ele estava usando chinelo – ele ficou com muita vergonha”.

Suas possibilidades de circulação são restringidas por impedimentos objetivos como o alto custo da passagem, a existência de territórios vigiados e protegidos por muros, a sensação de serem vigiados e hostilizados ou mesmo o constrangimento policial, como relatam muitas das falas dos jovens.

Nesse caso, afirma Castro (2004), “parece fato que a circulação, como capital simbólico, se distribui desigualmente na população, concorrendo para exacerbar as condições de pobreza, desemprego e inacessibilidade à educação” (ibidem:97).

Ainda durante o campo perguntou-se aos jovens se todos os moradores da cidade teriam direito a ela. Para um dos jovens, “na teoria, sim, mas na realidade não, pois a pessoa precisa ter dinheiro para ter direito a tudo na cidade e tem certos lugares na cidade que são muito violentos, cheios de *gangs*” (Le., em entrevista à autora, 2008).

O jovem sinaliza dois fatores que impediriam o pleno direito à cidade. Um resultante das diferenciações de renda – somente aqueles que “possuem dinheiro” têm direito a todas as possibilidades que a cidade oferece, já que “o rico pode ir onde quiser,

e o pobre não, porque não tem dinheiro” (D., em depoimento à autora, 2008). O outro, seria a restrição imposta pela violência. Ambas dificultam a livre circulação e permanência na rua.

Sua imobilidade ou sua mobilidade restrita faz com que o entendimento dos processos de precarização sócio-espacial se torne obscuro. Mas, como afirma Santos (1993:54), “quando a aparência se dissolve, é a essência que começa a se impor à sensibilidade. Essa mudança é reveladora porque permite abandonar o mundo do fenômeno e abordar o universo das significações. É assim que renasce o homem livre”. Por tanto, o que se indaga é como as políticas públicas tratam da questão de como os jovens se apropriam dos lugares da cidade? Essa questão parece ganhar relevância na medida em que se entende que a conquista da cidade representa uma das possibilidades de construção da ação política desses jovens. O deslocar-se pela cidade, o aventurar-se no desconhecido, a percepção das relações e contradições expressas no espaço, significa experimentar a própria cidade, dando-lhe sentido através da ação.

Considerações finais:

Pensar os jovens pobres na cidade significa pensar nos mecanismos de distinção territorial e de desigualdade a quais estão cotidianamente submetidos e que restringem o uso e a apropriação da cidade e do urbano. Isso porque, sob a égide do capitalismo a cidade torna-se mercadoria passível de ser vendida aos pedaços. Para cada pedaço reserva-se um comprador. Aqueles que não podem arcar com os custos do negócio são isolados e contidos em bairros pobres e periféricos. Negando-lhes o direito de circularem e, portanto, de estarem nela. Essa parece ser a situação atual dos jovens entrevistados.

Mais do que impossibilidade de uso e apropriação dos bens materiais, a esses sujeitos é vetado os bens simbólicos e a possibilidade de viverem a cidade como obra e como espaço da política. Esta, por sua vez, se realiza na medida em que os sujeitos constroem significados e reconhecimentos sensíveis do espaço, a partir de sua apropriação. Quando essa construção é inviabilizada a experiência urbana se coisifica. A própria cidade se torna coisa a ser vendida e o compartilhar e a troca passam a ser mediadas pelo dinheiro (Lefebvre, 1981 e 2001).

O desenrolar do trabalho mostrou as dificuldades vivenciadas pelos jovens pobres de terem acesso à cidade como obra, sentido pleno do direito à cidade. A consequência disso é, dentre outros aspectos, a pouca visibilidade desses jovens. Sujeitos invisíveis, sua cidadania não é nem sequer definida pelo consumo, já que não consomem a cidade ou, quando o fazem, o fazem de maneira periférica. Sem direito à cidade, esses jovens vivem cotidianamente situações de constrangimento, de distinção espacial e desigualdade. Suas diferenças são negativizadas, sua circulação é restringida ou mesmo negada, sendo comumente constrangidos pelos estigmas que carregam no corpo, pelo simples fato de serem jovens pobres e moradores de bairros periféricos. Esses jovens parecem não ter futuro.

Mas se o presente é o real imediato e esse real é obscuro, o futuro é o possível e deve ser luminoso. Daí a ênfase que se dá à rua, ao circular, ao viver e experimentar a cidade. A cidade entendida como o primeiro contato com o público. Nela, eles podem construir relações, identificar as desigualdades, positivar as diferenças, desnaturalizar sua condição subalterna. A cidade, portanto, como um espaço da política – entendida como resultante da relação entre homens.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Ináia Maria Moreira de. “Metrópoles e condições sociais”. In: Anais do VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais. Coimbra: 2004.

CASTRO, Lucia Rabello. *A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

LEFEBVRE, Henri. *La Production de l'espace*. Paris: 2ème édition, 1981.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, M. *O Espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1993.